

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

FACULDADE DE MEDICINA

GUSTAVO CASTRO GUIMARÃES

SIGNIFICAÇÃO DA MORTE NAS ANTIGAS CIVILIZAÇÕES

MACEIÓ

2021

GUSTAVO CASTRO GUIMARÃES

SIGNIFICAÇÃO DA MORTE NAS ANTIGAS CIVILIZAÇÕES.

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado a coordenação do curso de  
Medicina da Universidade Federal de  
Alagoas

Orientador: GERSON ODILON PEREIRA

MACEIÓ

2021

# TANATOLOGIA

Desmistificando a Morte e o Morrer

———— Gerson Odilon Pereira ————



sarvier

---

# TANATOLOGIA

DESMISTIFICANDO A  
MORTE E O MORRER

**TANATOLOGIA**  
DESMISTIFICANDO A MORTE E O MORRER

GERSON ODILON PEREIRA

**Capa**

Ana Carolina Vidal Xavier

**Foto capa**

Death and the miser. Oil painting by Frans II van Francken

**Fotolitos/Impressão/Acabamento**

Editora e Gráfica Santuário Aparecida

Fone: (12) 3104-2000

**Direitos Reservados**

Nenhuma parte pode ser duplicada ou reproduzida sem expressa autorização do Editor

**sarvier**

Sarvier Editora de Livros Médicos Ltda.  
Rua dos Chanés 320 – Indianópolis  
04087-031 – São Paulo – Brasil  
Telefone (11) 5093-6966  
sarvier@sarvier.com.br  
www.sarvier.com.br

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pereira, Gerson Odilon

Tanatologia : desmistificando a morte e o morrer /  
Gerson Odilon Pereira. -- São Paulo : SARVIER, 2020.

ISBN 978-85-7378-274-5

1. Cuidados paliativos 2. Doentes em fase  
terminal – Cuidados 3. Morte – Aspectos filosóficos  
4. Morte – Aspectos morais e éticos 5. Morte –  
Aspectos psicológicos 6. Morte – Aspectos religiosos  
7. Morte – Causas 8. Tanatologia I. Título.

CDD-155.937

19-30764

-612.67

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Tanatologia : Morte : Aspectos psicológicos  
155.937
  2. Tanatologia : Morte : Ciências médicas 612.67
- Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Sarvier, 1ª edição, 2020

## capítulo 60

## Significação da Morte nas Antigas Civilizações

Gabriela Castro Guimarães  
Gustavo Castro Guimarães  
Iole Guimarães Firmino

O homem é o único animal que sabe por antecipação da sua própria morte, dessa forma, ao contrário dos outros animais, o ser humano se questiona sobre o sentido de sua existência e sofre além do presente, nas dimensões do passado e futuro, já que sua única certeza é de que está destinado a morrer.<sup>1</sup> Questionamentos sobre o que acontece quando nós morremos e sobre o significado da morte estão presentes em todas as culturas desde as antigas civilizações. Para sociedades antigas e atuais, a morte é explicada através de histórias e mitos, desenvolvendo cada sociedade um ou mais de um, sistema fúnebre para entender a morte em seus aspectos pessoal e social.<sup>2</sup>

Cemitérios, tumbas, fogueiras, seppuku, sacrifícios, mumificações; muitas foram as maneiras que as civilizações encontraram para lidar com a morte e o morrer. Na Antiguidade não foi diferente. As civilizações que pautaram a evolução política, econômica e social também deram as bases de como as futuras civilizações se portariam diante do fenômeno da morte e do morrer. Neste capítulo, adentraremos em diversas civilizações antigas do mundo ocidental, desde egípcios, sumérios, até os fenícios.

A morte sempre esteve presente na história do planeta, entretanto, com a chegada dos seres pensantes e capazes de formar sociedade, criaram-se vários conceitos além somente da finitude da vida biológica, pois o fenômeno é o único capaz de desafiar o domínio deste ser no mundo animal. Dessa forma, foram feitos mitos, pinturas, lendas sobre a morte, até que, com as grandes civilizações da Antiguidade, chegaram às religiões antigas, que moldavam o comportamento daquelas sociedades.

Nesse sentido, o grande expoente é a Antiga civilização egípcia, sobre a qual Edward McNall Burns, em seu livro *História da Civilização Ocidental*, afirmou que "A religião egípcia desempenhava um papel predominante na vida dos egípcios". A vida lá era pautada pela religião, desde os camponeses que viviam na subsistência na beira do Rio Nilo, até os sacerdotes e faraões que seriam as verdadeiras reencarnações do deus Amon-Rá eram devotos dos grandes deuses antropozoomórficos, com formas variantes de humanoides, híbridos com animais, ou puramente zoomórficas.

Durante as Eras da civilização egípcia, a religião foi evoluindo e sofrendo mudanças fluidas, sendo do politeísmo até o monoteísmo filosófico.<sup>3</sup> No início da civilização egípcia, com a unificação do Baixo Egito com o Alto Egito, houve a junção das divindades de todo o território, entretanto alguns deuses eram mais cultuados em determinados locais, por serem as personificações das forças da natureza.

Todos os setores do Antigo Egito eram determinados pela religiosidade da época, estando entre eles a literatura, as artes, as esculturas e por fim, a morte. Dentro da própria religião egípcia, os deuses eram mortos e ressuscitados; Osíris, que personificava o crescimento da vegetação, foi morto por seu irmão Set, e ressuscitado por Ísis, sua esposa, que juntou os pedaços de Osíris, possibilitando-lhe retomar sua vida. Com isso, a morte estava presente desde o divino até o real do camponês, que atribuía o simbolismo dessa lenda, segundo Edward McNall Burns, "(...) a morte e ressurreição de Osíris simbolizavam a retirada das águas do Nilo no outono e a volta da inundação na primavera. (...) depois de algum tempo, a lenda de Osíris assumiu uma significação mais profunda. (...) a morte e ressurreição de Osíris passaram a ser encaradas como o penhor duma promessa de imortalidade pessoal para o homem".

Dessa maneira, é visível o entremeado entre a religião, na crença da vida-morte-ressurreição, e os fatos da natureza, como as enchentes e secas do Nilo. Por isso, se o grande deus Osíris era capaz de superar a morte e ressuscitar, assim também seus fiéis súditos eram capazes de adquirir a imortalidade<sup>3</sup>. Com a ascensão da popularidade do deus Osíris na época do Médio Império do Egito, seus cultos e adorações ganharam mais seguidores, pois havia a crença de uma "democratização da vida após a morte", na qual os súditos, independentes de classe social, que fossem capazes de realizar os preparativos e ritos adequados, iriam se unir a Osíris.

Essa ideiação da vida após a morte chegou ao conceito de 3 entidades que eram referentes aos mortos: *Ka*, *Ba* e *Akh*. O primeiro, trazendo para uma linguagem mais comum, seria tido como o espírito do morto, que iria procurar o antigo corpo, e só seria mantido caso o corpo estivesse conservado. Daí surgiram as concepções de mumificação, tumbas, caso contrário o *Ka* seria destruído.<sup>5</sup>

Consequentemente, ficou demonstrada a importância do corpo e dos preparativos. Eliade e Couliano, autores do livro "Dicionário das Religiões", dizem que, enquanto houver suporte físico, o espírito prevalecerá, a inumação é preferível à vida terrestre, as tumbas eram mais importantes que as casas; por isso, era impensável economizar nos preparativos da vida após a morte.<sup>6</sup>

Já o *Ba* seria a parte da pessoa que iria ao julgamento após passar por diversos desafios numa jornada ao Mundo Inferior. Era o chamado Julgamento do Morto, no Tribunal de Osíris. O morto era acompanhado de Anúbis e, ao adentrar a sala do julgamento, seu coração seria colocado em uma balança, enquanto no outro lado haveria uma pena, a pena da Verdade e da Justiça. A pena da deusa Maat.<sup>7</sup>

Os mortos que passassem no julgamento, tendo seu coração pesado menos que a pena, seriam acolhidos por Osíris e poderiam entrar num reino celestial de prazer, felicidade e fartura. Aqueles que tivessem seus corações mais pesados que a pena, seriam sentenciados à segunda morte, sendo devorados por Ammit, que era tido como a encarnação do próprio inferno para os egípcios, uma besta de cabeça canina com sobrelhas humanas, a qual devoraria os corações e corpos dos mortos, que seriam completamente esquecidos.<sup>7</sup> Com a passagem, os *Ba* se tornariam *Akh*, espíritos glorificados que passariam a residir na casa de Osíris.

Para que o egípcio pudesse almejar a vida eterna ao lado do deus Sol, precisaria de três condições fundamentais: um bom comportamento enquanto vivo; bens materiais para serem

usados na residência de Osiris, e que deveriam ser sepultados em conjunto com o morto; por fim, os ritos fúnebres corretos, rituais de purificação, mumificação e enterro. Dessa forma, estaria apto a tornar-se *Akh*.<sup>5</sup>

Em análise, é inegável o fato de que a antiga civilização egípcia viveu com a crença da vida após a morte, e que a religião foi preponderante para os feitos arquitetônicos, literários, artísticos, civis, militares e para o seguimento durante o Baixo, Médio e Alto Egito.

Já na Mesopotâmia, na civilização sumérica, responsável por construções como os zigurates e pelas primeiras escritas cuneiformes, a religião não era determinante no desenvolvimento da sociedade vigente, apesar de possuir um papel importante na vida do povo. Eram politeístas, antropomórficos e na religião, havia o chamado dualismo, com divindades unicamente para o bem e outras reservadas para o mal. Entretanto, no contraponto da religião egípcia, a religião sumérica era fundamentada unicamente no âmbito terrestre, não oferecendo esperanças de vida após a morte. A imortalidade era unicamente dos deuses, enquanto os seres humanos mortais foram feitos para trabalhar para as divindades.

Nesse âmbito, Elizangela Soares, em seu texto "As antigas variações da vida após a morte", escreveu:

"Se bem pudemos observar, os mitos falam de deuses que voltam vida, de heróis que conseguem ou recusam a imortalidade como um presente dado por deuses, ao passo em que quem a buscava acaba frustrado. Mas tudo isso acontecia na esfera mítico-epopeica. No tocante à humanidade criada para trabalhar no lugar dos deuses não havia expectativa de imortalidade, ao menos não de uma imortalidade gozada em prazeres. Ao contrário dos egípcios, para os mesopotâmicos não havia uma perspectiva de bem-aventurança no pós-morte, como bem pontua um trecho da narrativa de Gilgamesh:

"Gilgamesh, para onde corres? A vida que persegues, não a encontrarás. Quando os deuses criaram a humanidade, foi a morte que lhe reservaram; a vida, retiveram-na para si, entre as próprias mãos. Tu Gilgamesh, que teu ventre seja saciado, dia e noite; regozija-te, todo dia, faz a festa, dia e noite, dança e toca música; que as tuas roupas estejam imaculadas, a cabeça bem lavada, banha-te com muita água; contempla a criança que te dá a mão, que a bem-amada se regozije em teu seio! É essa a ocupação da humanidade (Epopéia de Gilgamesh, tabuleta X)".

Dessa forma, os sumérios não reservavam cuidados especiais aos mortos, que eram unicamente enterrados, frequentemente no piso da própria casa, sem muita cerimônia.<sup>3</sup>

Enquanto isso, no que hoje é o chamado Líbano, há milhares de anos, por volta de 1200 A.C. foi formada a civilização Fenícia, a qual era constituída por exímios comerciantes e navegadores. Nunca houve uma Fenícia de fato, os habitantes se declaravam Canaanitas, de Canaã; o termo vem do hebreu que designa um simples mercador, inclusive documentado por uma canaanita curada por Jesus na Bíblia, visto no Novo Testamento. Os fenícios-canaanitas eram também identificados por sua cidade natal, visto que a união em um Estado não fora completa, havendo, naquele tempo, diversas cidades-estado.<sup>8</sup>

No que diz respeito à religião dessa civilização, segundo George Rawlinson, "(...) não há dúvidas de que os fenícios eram um povo com as mentes na religião e ideias religiosas ocupavam um papel predominante". Os cuidados reservados aos corpos, implicam a crença presente da vida após a morte, na qual algumas expressões e escrituras em tumbas apontam para a convicção de que a morte não era o fim de tudo.

Apesar dessa vívida crença no outro mundo, na vida após a morte, a qual estaria conectada a recompensas e punições da vida atual, os fenícios tinham uma fraca esperança na vida que estava por vir; eles não ansiavam por felicidade nem temiam a miséria que poderia vir. A vida



após a morte seria algo imperfeito e precário sobre a qual não se tinha controle. Era uma existência simplista que não possuía nem dor ou sofrimento nem prazer ou felicidade, apenas quietude e descanso. O pensamento nessa vida posterior não ocupava a mente dos homens nem influenciava suas condutas.<sup>9</sup>

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. GIACOIA, Oswaldo. *A Visão da Morte ao Longo do Tempo*. Simpósio: Morte: Valores e Dimensões. Ribeirão Preto, 2005.
2. SANTOS, Franklin Santana & INCONTRI, Dora. (Org.) *A Arte de Morrer: Visões Plurais*. 2ª Ed. São Paulo: Editora Comenius, 2009.
3. BURNS, Edward. *História da Civilização Ocidental*. 4 Ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1977.
4. HORNUNG, Erik. Ancient Egyptian religious iconography. In: SASSON, Jack M. (Ed.). *Civilizations of the Ancient Near East*. Vol. 3. New York: Metropolitan Museum of Art, 1995.
5. SOARES, Elizangela. Antigas Variações Sobre a Vida Após a Morte: Circularidade Cultural e Religiosa no Judaísmo Pré-Exílico?. *Oracula*, São Bernardo do Campo, 2.4, 2006.
6. ELIADE, Mircea; COULIANO, Ioan P. *Dicionário das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
7. MOHR, Allan Martins. Psicanálise, depressão e a segunda morte às margens do Nilo. *Rev. SBPH*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 178-195, dez. 2013. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-08582013000200013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582013000200013&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 30 mar. 2019.
8. KAUFMAN, Asher. *Reviving Phoenicia: The Search for Identity in Lebanon*. 1 Ed. I.B.Tauris, 2004. 277 p.
9. RAWLINSON, George. *History of Phoenicia*. Volume 1 de *Library of Alexandria*. Library of Alexandria, 1889.